



Público

03-02-2015

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Cultura

Dimensão: 572

Imagem: S/Cor

Página (s): 29

Quatro abordagens sinfónicas contemporâneas

Crítica de música

**Orquestra Sinfónica do Porto
Casa da Música**

★★★★★

Baldur Brönnimann (Direcção).
Obras de Kaija Saariaho, Luca
Francesconi, Pascal Dusapin e
Magnus Lindberg. Casa da Música, 31
de Janeiro, 18h (sala a três quartos)

O concerto foi constituído por obras sinfónicas de quatro compositores consagrados que realizaram residências artísticas na Casa da Música entre 2008 e 2013. *Verblendungen* de Saariaho, para pequena orquestra e electrónica, composta em Paris e Helsínquia em 1984, baseia-se num longo e gradual diminuendo que parte de uma explosão sonora inicial e evolui até ao silêncio, ao longo de cerca de 14 minutos. Paralelamente o discurso musical explora um interessante contraponto entre a electrónica e a orquestra, no qual se processa uma transformação progressiva da sonoridade de ambas as partes: o ruído branco inicial da electrónica vai-se transformando numa sonoridade orquestral, enquanto que a orquestra realiza o processo inverso. A interpretação da obra contou com um bom equilíbrio entre a orquestra e a electrónica, proporcionando uma boa audição do processo de transformação sonora pretendido por Saariaho.

Cobalt and Scarlet é a segunda versão da obra originalmente composta por Francesconi em 2000 então intitulada *Cobalt, Scarlet: two colors of dawn*. É de uma composição que pretende traduzir a experiência visual do compositor num amanhecer em Oslo, marcado pela exuberância das cores e pelo nascimento surpreendente do sol. O discurso musical oscila entre a serenidade e a explosão de energia, caracterizando-se particularmente pela profusão dos timbres orquestrais e pelo recurso a momentos de grande vigor rítmico. Esta versão, mais curta devido à contracção de algumas secções, perde um pouco do sentido dramático da versão original – isso é evidente, por exemplo, na introdução e no solo de contrafagote antes da secção final. O desempenho da orquestra foi irregular, em algumas passagens não conseguiu corresponder ao rigor rítmico exigido pela partitura, tendo também faltado um maior equilíbrio na conjugação da intensidade dos naipes instrumentais.

Reverso é a sexta de sete peças que

integram o ciclo *Solos* para grande orquestra composto por Dusapin entre 1991 e 2008. De acordo com o compositor, cada uma das peças procura uma abordagem diferente à composição sinfónica. No caso particular de *Reverso* Dusapin apresenta uma extensa melodia em notas longas tocada pelas cordas, à qual se sobrepõem e desenvolvem outras camadas instrumentais. O discurso musical é conduzido para um episódio central caracterizado por um cuidado contraponto dos vários naipes, resultando num clímax intenso e muito expressivo. De seguida observa-se uma espécie de processo inverso, embora deformado, que justifica o título da peça. A escrita orquestral de Dusapin é refinada, apresentando texturas transparentes que aliam o colorido instrumental ao equilíbrio sonoro. A peça apresenta uma interessante gestão do material temático e um bom equilíbrio formal. A interpretação de *Reverso* foi bem conseguida, destacando-se o controlo das intensidades e a boa condução do discurso musical.

Cantigas inspira-se livremente na colectânea *Cantigas de Santa Maria* compilada no século XIII por Afonso X, o Sábio. Da música medieval Lindberg retira alguns elementos melódicos e harmónicos, nomeadamente o estilo monódico representado pela melodia do oboé e o intervalo de 5.^a perfeita que serve de base à construção harmónica. Estes elementos diluem-se num discurso musical que conjuga uma escrita polifónica densa com blocos harmónicos imponentes, tão característicos do estilo sinfónico de Lindberg. A obra exige um elevado grau de virtuosismo, tanto individual como de conjunto, representando um grande desafio para qualquer orquestra. A orquestra revelou alguma dificuldade no equilíbrio das diversas partes do tecido polifónico, fazendo com que o discurso musical perdesse clareza e direcionalidade.

A direcção de Brönnimann foi segura, mas a qualidade da orquestra variou ao longo do concerto, tendo sido melhor nas obras de Saariaho e de Dusapin. Tal poderá dever-se à acústica da sala que não proporciona aos instrumentistas uma audição equilibrada da sonoridade orquestral. Esta situação é mais evidente na execução de obras com um elevado número de instrumentos e um tecido sonoro mais complexo – como acontece nas composições de Francesconi e de Lindberg. Faltou algum rigor em passagens mais transparentes.

Pedro M. Santos